



## TEATRO NO RIO

A. ACCIOLY NETTO

**GEISA BÓSCOLI VOLTA AO JARDEL** — Depois de alguns meses de ausência, volta Geisa Bóscoli a dirigir os espetáculos de seu teatrinho da Avenida Copacabana. Esperava-se que "Botando Azeite e Melhor" estivesse à altura, por exemplo, de "Miss Brasil" que foi o grande êxito de temporadas anteriores. De modo geral, o que fez falta, em primeiro lugar, nessa nova produção, foi uma vedeta que desse maior vigor ao elenco, e em segundo, um melhor aproveitamento dos cômicos que possui. No caso, Glória May, uma garota que está se destacando, mas que ainda não exhibe uma desenvoltura, uma comunicação com o público, que só se adquire com o tempo, sendo entretanto viva e bonita, e com qualidades para ser, de futuro, uma legítima atração de bilheteria. E, por outro lado, Evilásio, que está no primeiro plano cômico do teatro musicado, possivelmente assoberbado com sua função de diretor, apareceu pouco, em papéis que não lhe deram a desejada oportunidade. Isto quanto às figuras principais. Analisando a revista, devemos constatar que agrada, dentro das respectivas proporções, muito embora, como vem acontecendo últimamente, com as produções de Geisa Bóscoli e Luis Peixoto (principalmente o último), haja sempre vários quadros antigos, refundidos, muito embora bonitos. E os velhos frequentadores de teatro conhecem bastante "Subúrbio", "Num barraco de Mangueira", e ainda outras coisas como "Direito de Nascer", e "Numa Casa Portuguesa" (ainda) sob vestimentas novas, e isso dá a "Botando Azeite e Melhor" um aspecto de "reprise", que a presença de Paquito Cano e Maria de Jesus (excelentes cômicos) no seu repisado número de "Romaria" ainda torna mais grave. Quanto à atuação individual dos intérpretes, teremos que elogiar a constante mocidade de Déo Malta, sambista do tempo de Jardel Jercolis, que ainda pode se apresentar em plena forma, valorizando todos os números que lhe dão. Em "Salve São Jorge" e principalmente em "Mula Branca" demonstra o que significa ser uma grande sambista. Adiante temos um grupo de garotas bonitas enfutando o espetáculo, destacando-se Adir Darcel, que sai da categoria das "girls" para a de atriz, pois qualidades não lhe faltam. Apareceu bem em "Uma Casa Portuguesa" ("Reconhecimento"), e em geral, nos números em que tomou parte, Rivette Alves, Mary Norton, Peggy Aubry, Mara Murce, Irene Bertal, Dulcimar Sampaio, e Elza Martins cantam a assistência, havendo que destacar Norma Foraci, que obtve pequenos papéis, e Aury Cabral, que é uma festa para os olhos, mesmo sem dizer nada. Na parte masculina, Pimentinha (um dos irmãos Guarã) faz, com desenvoltura, alguns papéis, auxiliado por Nick Nicola e Carlos Augusto. Já Isalme de Paquito e Maria de Jesus, prejudicados por um número antigo, no qual, aliás, conseguem agradar em cheio. Finalmente devemos assinalar a cooperação eficiente de Lauro Lessa, como cenarista, lutando com o tamanho do palco, mas que quase sempre com êxito, embora também a guarda-roupa seja pobre.

## TEATRO EM SÃO PAULO

CLÓVIS GARCIA

**"O ESCRITURÁRIO"** — Mimodrama de Luís de Lima e Melville. (Escola de Arte Dramática) — A Escola de Arte Dramática, dentro das suas características que lhe permitem arriscar-se em experiências, e cumprindo uma função que nos parece importante, tem apresentado anualmente espetáculos que poderíamos chamar de "vanguarda", numa compreensão mais ampla do termo. No ano passado tivemos uma apresentação do teatro poético surrealista, com a peça de Scheide "Mr. Bob's"; e agora, um mimodrama inspirado num conto de Melville, criado por Luís de Lima, professor contratado na França, discípulo de Decroux e integrante da companhia de Marceau. É claro que êsses espetáculos devem ser aceitos na devida proporção, apresentados que são por alunos de uma escola, mas o seu valor como pesquisa e a sua influência na culturização do meio teatral são inegáveis.

Luís de Lima adaptou o conto de Melville procurando conservar toda a atração misteriosa da figura de "Bartolomeu". Acrescentou, entretanto, uma cena sendo cômica, pelo menos mais alegre, da estria de visão, que em certo sentido prejudica a continuidade e densidade da história original. É verdade que o público, pouco habituado à atenção exigida pelo teatro mimico e tendo assistido poucos espetáculos d'esse gênero quando aqui estiveram Marceau e Jean Louis Barrault, merecia uma concessão. Preferíamos, no entanto, mais concisão no enredo, o que também facilitaria ao público melhor compreensão da história.

Realmente extraordinário, porém, foi o trabalho de Luís de Lima no treinamento dos alunos da E.A.D. Se sua atuação no "Notário" se destaca pela técnica demonstrada, e pela expressividade fisionômica, como é óbvio, e se Geraldo Mateus no "Bartolomeu" também teve uma interpretação esplêndida, num papel de difícil controle muscular, os demais, todos alunos, estiveram ôtimos nos personagens do mimodrama. Jorge Andrade, Emílio Fontana, Marly Mendonça, Flora Basaglia, Maria Modolena, Paulo Alberto Atoche, Eduardo Waddington, Paulo Celso Rangel, Paulo Ayres Müller, e merecedor menção especial Jorge Fischer Jr., corresponderam plenamente ao que lhes foi exigido. Os figurinos de Hércules Barrotti, Baitia Villatá, e Luís de Lima, a música atonal de Sousa Castro e a arquitetura cênica de Baitia Villatá serviram funcionalmente ao mimodrama.



CENA DO MIMODRAMA "O Escriturário", com o interpretação dos atores Luis de Lima e Geraldo Mateus.